

A arte no processo educativo

Lucimar Bello Pereira Frange*

Resumo

Os textos escritos por Noemia Varela pensam a educação e o ensino de arte como instâncias criadoras, apoiados em alguns educadores e filósofos. As análises destes textos, feitas por Lucimar Bello, baseadas principalmente na semiótica de Julian Algirdas Greimas, abrangem diversos campos de significações, abrindo espaços de pensamentos para um professor investigador na arte e sobre a arte e seu ensino.

Palavras-chave: Arte e Ensino de Arte. Educação Criadora. Análise Semiótica. Professor-Pesquisador.

Art in the process' Education

Abstract

The Noemia Varela's text thinks education and art education as creators dimensions, supported in some educators and philosophers. The analyses of these texts, realized from Lucimar Bello, based principally in Julian Algirdas Greimas' semiotic's, starting several significations camps', opening spaces for thoughts to an investigator-professor in art and about art and its knowledge.

Keywords: Art And Art's Education. Creator Education. Semiotic Analyze. Researcher-Teacher.

* Doutora em Artes pela ECA/USP. Pós-doutora em Comunicação e Semiótica pelo COS/PUC/SP. Representante de Pesquisa na InSEA - *International Society for Education through Art* (1996-98). Pesquisadora Voluntária em Artes Visuais, no CPS/PUC/SP (desde 1997) e no Núcleo de Subjetividade da PUC/SP (desde 2004).

Lucimar B. P. Frange

Que será isso: a educação criadora? Como a arte pode atuar na educação não apenas como uma 'disciplina' a mais como veículo para a aprendizagem e 'suporte para uma existência individual assumida'? Será que arte, ciência e tecnologia podem descobrir um lugar comum na prática da educação criadora? Que função a Escolinha de Arte do Brasil vem cumprindo para a maior compreensão e prática da educação criadora no Brasil? São alguns dos temas desenvolvidos nesta palestra, feita no 1º Seminário de Arte e Educação da Secretaria Municipal de Educação.

Vida, arte e educação

O ser humano, no contexto das forças psicológicas, sociais e histórico-culturais que influenciam seu desenvolvimento, deve encontrar o sentido da vida e da morte, ampliando sua visão universal. Ter a linguagem para comunicação na plenitude de seu desenvolvimento, revelando-se como um ser sensível, perceptivo, intuitivo e pensante na própria dimensão de sua capacidade de criar.

No mundo em transformação, é o Homo Sapiens, um ser mutante em seu longo processo evolutivo, ele próprio forma de vida compreendida segundo E. Morin, como 'um princípio de organização para a complexidade crescente'.

'E cada indivíduo', lembra Jung, 'constitui uma nova experiência da vida sujeita a incessante mudança e representa o intento de uma solução e adaptação inéditas'.

Mas esse mesmo Homo Sapiens 'traz uma nova característica: nas espécies vegetais ou animais o fenômeno estético está inscrito geneticamente e o indivíduo é portador de desenhos e cores. No Homo Sapiens, trata-se de uma produção individual, de inspiração cerebral, executada por uma técnica e uma arte. A partir de então, o cérebro humano apodera-se de um novo campo de competência e, assim, já não são apenas as imagens-percepções que vão se disseminar e se traduzir fora do cérebro nas obras figurativas; é sim, uma proliferação criadora de imagens que vai se manifestar na invenção de novas formas e de seres fantásticos. Ao aparecimento do homem imaginário, acrescenta-se indissolavelmente o aparecimento do homem imaginante'.

Por todas essas características a experiência criadora revela-se vital ao processo de desenvolvimento do homem para que possa satisfazer sua necessidade de expressão estética e simbólica.

Características que nos levam mais longe: a refletir sobre o tipo de educação que temos tido e temos hoje – seus mestres, suas instituições e formas de educar.

Enfoques e tendências da arte-educação

Faz muito pouco tempo que a educação – fenômeno jovem na longa existência do Homo Sapiens na forma que estamos tratando – se tornou um direito de todos os homens, sofrendo constantes mudanças, na decorrência das últimas abordagens, na teoria e na prática, da Arte, Ciência e Tecnologia de nossa época. No contexto da educação geral, situamos a educação artística como a nossa preocupação dominante. E essa forma de educar, como parte dessa ação educativa, tem cumprido sua função e alcançado seus objetivos do pleno desenvolvimento do ser humano?

Durante os últimos setenta anos, localizamos na área da arte-educação uma das formas mais renovadoras de educar no respeito ao desenvolvimento da criança, no estímulo ao desenvolvimento individual e criador do homem e no reconhecimento e estudo de sua criatividade. Esse significativo progresso da arte-educação acentuou-se, principalmente na área da educação visual e plástica, ponto de partida para o desenvolvimento da importância das artes em todos os aspectos da educação, como veículo para a aprendizagem, renovação da educação geral e suporte conscientizador da existência individual assumida.

Ocorre, porém, que a presença inovadora da educação artística apoiada na capacidade criadora do homem, tendo na arte um instrumento de educação, carece de reforço, revisão e aprofundamento.

Processa-se uma revolução nos métodos de ensino no campo da matemática, linguagem e ciência apoiada pela tecnologia. Os laboratórios, as máquinas de ensinar, o ensino em equipe e tantas outras inovações provocam mudanças na prática docente, muitas delas dando lugar a conclusões apressadas, distorções na forma de educar e resultados obtidos, práticas muitas vezes seguidas superficialmente, não fundamentadas na teoria das ciências básicas à educação. Não há tempo para a espera da colheita, pois as mudanças se sucedem rapidamente. E o educador, menos qualificado para optar diante das alternativas que lhe são apontadas, confunde-se na escolha de sua metodologia.

Sabemos que a música, a poesia, a dança, o teatro e as artes plásticas, quando integram experiência numa classe de 1º grau, representam a arte – tomada como forma de educar – como uma atividade social, orgânica, um meio de vida globalizador de outras áreas de ação e conhecimento humanos. São muitos os educadores que realizam experiências desse tipo. Quantos porém terão consciência no quadro geral da educação? Na estrutura e dinâmica de sua escola? Na vida da comunidade?

Está a Educação Artística entre nós, com todo reforço que lhe deu a Lei nº 5.692/71, sendo aplicada no desenvolvimento harmonioso do educando?

O jovem, ao término do ensino de 2º grau, leva consigo uma imagem

Lucimar B. P. Frange

clara da função da arte na vida do indivíduo e da sociedade?

São os professores treinados e qualificados para a integração da arte no ensino de 1º e 2º graus? Esse ensino corresponde à ênfase dada no currículo do 1º grau à expressão e à comunicação através da arte?

No processo de formação do arte-educador, em seu treinamento, o trabalho prático é fundamentado na teoria, pesquisa e estudos necessários à qualificação de sua ação docente?

A estrutura dos cursos de formação do professor de arte se apoiava, principalmente, no domínio das técnicas e na valorização do conceito de expressão artística. A mudança mais relevante na estrutura desses cursos se manifesta na sua centralização nas experiências criativas, dando ênfase ao trabalho criador – ‘a exploração de idéias, materiais, meio-ambiente – com implicações de soluções e mobilização do pensamento intuitivo e consciente do aluno.

Na verdade, a tendência revitalizadora da educação artística, com base na pesquisa e teoria, preocupa técnicos e educadores dos países mais adiantados no campo da arte-educação.

Nesse sentido, Dick Field mostra claramente em seu livro ‘Change in Art Education’, a necessidade de revisões no campo da educação artística. Revela que, na Inglaterra – país pioneiro no campo da Educação através da Arte – em muitas escolas, a criança vivencia uma série de experiências práticas através da arte, em algumas horas semanalmente, e se limita apenas a essas experiências práticas através da arte, em algumas horas semanalmente. Mais tarde, segundo Field, ao deixarem a escola, para elas (as crianças), a arte significa uma experiência como para o artista – experiência totalmente alienada do processo de assimilação e de conhecimento que devem reforçar sua atividade criadora’.

Field compreende a educação artística como um conjunto de seqüências presentes no processo educativo global do indivíduo. E para ele o modelo de seu processo contínuo essencial à educação deve conduzir à satisfação de quatro requisitos:

- . Cada experiência prática do aluno deve ser de tal natureza que lhe proporcione verdadeiro ‘insight’ dos motivos e procedimentos do trabalho criador.
- . Cada experiência prática deve ser esclarecida pela discussão, exposição e, dessa forma, cada aluno deve começar a ter um ‘insight’ das artes como um fenômeno humano, manifestação social, meio de aprendizagem e de comunicação.

. Cada aluno deve descobrir a situação contemporânea das artes, no contexto histórico.

. E cada um deles deve começar a ver as artes em relação a si mesmo, em seu futuro – não limitado às atividades do seu passado, mas como extensão de si próprio em seu meio e na decorrência de sua atuação no meio-ambiente.

Surge a perspectiva de uma educação criadora básica à Arte, Ciência e Tecnologia. Toma forma a imagem do educador – no sentido lato – muito mais consciente de objetivos, funções, procedimentos e do campo de ação da educação criadora.

Visão de uma experiência

O contato, principalmente com educadores, artistas, psicólogos e terapeutas atraídos pela Escolinha de Arte do Brasil, em seus 28 anos de atividades, nos permite constatar haver da parte de todos eles uma procura marcada pelos hiatos de uma formação carente de experiências.

Manifestam um vivo interesse em seu crescimento pessoal como seres criadores, muitos deles visando à renovação de métodos e processos em sua área profissional. E a partir de seus interesses e necessidades, temos constantemente reformulado e criado cursos e estágios capazes de satisfazer sua procura de conhecimento e vivência sobre arte, educação e criatividade.

O Curso Intensivo de Arte na Escolinha, visando à formação de um educador criativo, congregando professores do país e da América Latina, reforça esse nosso ponto-de-vista, pois é particularmente através desse curso que alimentamos o fluxo da comunicação de retorno recebida através de ex-alunos da Escolinha, que nos permite acompanhar o excelente trabalho, inventivo e renovador, que muitos desses educadores já realizam no país e no exterior. Ação educativa que se processa na Escola de 1º e 2º graus e fora dela – nas 62 Escolinhas de Arte vinculadas à nossa experiência e também, direta e indiretamente, em outros Departamentos de Ensino Superior e Centros de Arte Educação do país.

No contexto da realidade da educação brasileira muito pouco representa a experiência Escolinhas de Arte. Significa tão somente uma simples amostragem do que, com tantas limitações, vem podendo realizar o idealismo e ação criativa de um grupo de educadores na busca de valores, disciplinas e metodologias essenciais ao completo desenvolvimento intelectual e social dos seres humanos numa comunidade. E, na Escolinha, a formação do educador – através de cursos de abertura e de incentivo – constitui sua atividade mais intensa, para, através dela, atingir a criança brasileira.

Essa experiência nos mostrou ser a formação do mestre criativo um

Lucimar B. P. Frange

longo processo que extrapola a escola tradicional e a mais renovadora na formação de mestres pois, para nós, esse processo tem a duração de toda uma existência humana. Por isso mesmo, creditamos ao educador, na Escolinha, o direito de descobrir como se qualifica profissionalmente – através de uma formação em processo de desenvolvimento criador em profundidade. Somente dessa forma poderá ser o ‘modelo’ capaz de levar o outro à descoberta de si mesmo e do segredo da eficiência na formação do Homem.

E nessa linha de pensamento, para finalizarmos, o que é EDUCAÇÃO? Não deixamos para a reflexão final uma resposta acomodativa, mas a resposta que Herbert Read, o filósofo da arte-educação, nos deu e que nos transmite a expectativa da dúvida e da busca incessante da ‘totalidade’ do homem.

‘Creio que a única esperança de mudança para o mundo é esse processo de formação física e mental que chamamos Educação, porém o termo é tão convencional e a ele se atribui uma quantidade de significados tão alienada à minha verdadeira idéia, que busco, em vão, uma nova palavra para denominá-la’

Noemia Varela

A arte no processo educativo é texto composto de onze perguntas, sendo as quatro primeiras os temas da palestra. A pergunta afirma a *incerteza que*, segundo Greimas e Courtés, *é termo contraditório da certeza no interior da categoria modal epistêmica. A incerteza é a denominação da estrutura modal de ‘não crer ser’*, é esse sujeito de busca, instalado em todos os discursos desse enunciador. Voltando a citar Greimas, *o saber é interrogação, antes que resposta, exercício contínuo de insegurança.*

As expressões: *que será ... será que ... que função ... quantos ...* mostram um sujeito da busca coletivizada, da busca de seu eu e de seu não-eu. Segundo Paulo Freire, *para nos descobrir precisamos nos mirar no Outro, compreender o Outro para nos compreender, entrar no Outro* e cita Fichte (autor também trabalhado por Noemia), *o Eu cria o não-Eu para se conhecer a si mesmo. Nós não criamos o não-Eu, não estamos no idealismo, nosso não-Eu é objetivo ...* é esse contexto de empréstimo, necessário para enriquecer nossa vivência e nosso contexto de origem.

1. Que será isso: a educação criadora?
2. Como a arte pode atuar na educação não apenas como uma ‘disciplina’ a mais como veículo para a aprendizagem e ‘suporte para uma existência individual assumida’?
3. Será que Arte, Ciência e Tecnologia podem descobrir um lugar comum na prática da educação criadora?
4. Que função a Escolinha de Arte do Brasil vem cumprindo para a maior compreensão e prática da educação criadora no Brasil?

As três iniciais pressupõem a *educação criadora* (em arte, ciência e tecnologia), uma das metas da Escolinha de Arte do Brasil, afirmada na quarta pergunta, que também indaga a funcionalidade dessa Escola.

5. E essa forma de educar, como parte dessa ação educativa, tem cumprido sua função e alcançado seus objetivos do pleno desenvolvimento do ser humano?

Essa indagação é a grande tônica do MEA (Movimento de Escolinhas do Brasil) – *a educação criadora para o desenvolvimento pleno do sujeito*. Esta pergunta, logo após o item *Vida, arte e educação*, estabelece relações entre ser humano e vida *versus* morte, *versus* vida criativa – *seres criadores, muitos deles visando à renovação de métodos e processos em sua área profissional. Temos criado cursos e estágios capazes de satisfazer sua procura de conhecimentos e vivência sobre arte, educação e criatividade (na parte denominada Visão de uma experiência)*. Noemia Varela é uma pessoa, um *ser sensível, perceptivo, intuitivo e pensante, capaz de criar*, reiterações, tanto no texto *O desafio da formação de recursos humanos para a educação na América Latina*, quanto em *Movimento Escolinhas de Arte; imagens e idéias* e nos outros sobre arte e seu ensino, assim como nas aquarelas (analisadas no livro de minha autoria: Noemia Varela e a Arte) e nos poemas: *Rendas; Olha meu avesso* e *Vida e Morte*.

Na seqüência do enunciado, vêm mais cinco questionamentos:

1. Quantos porém terão consciência no quadro geral da educação? Na estrutura e dinâmica de sua Escola? Na vida da comunidade?
2. Está a educação artística entre nós, com todo reforço que lhe deu a Lei nº 5.692/71, sendo aplicada no desenvolvimento harmonioso do educando?
3. O jovem, ao término do ensino de 2º grau, leva consigo uma imagem clara da função da arte na vida do indivíduo e da sociedade?
4. São os professores treinados e qualificados para a integração da arte no ensino de 1º e 2º graus? Esse ensino corresponde à ênfase dada no currículo do 1º grau à expressão e à comunicação através da arte?
5. No processo de formação do arte-educador, em seu treinamento, o trabalho prático é fundamentado na teoria, pesquisa e estudos necessários à qualificação de sua ação docente?

Novamente essas cinco questões são grandes desafios educacionais de Noemia, persistente e atuante em suas proposições e fundamentações em busca e na defesa da *educação através da arte*: desenvolvimento harmonioso do educando, pressupondo um professor criativo, resignificando a vida.

O ser humano, conforme Lúcia Teixeira, no contexto das forças psicológicas, sociais e histórico-culturais que influenciam seu desenvolvimento, deve encontrar o sentido da vida e da morte, ampliando sua visão universal. A linguagem é comunicacional, mostra um ser sensível, perceptivo, intuitivo e pulsante na sua capacidade de criar, fazendo-nos ver a linguagem atravessando as formas de relação entre os homens para conferir-lhes existência e historicidade.

Arte, segundo Herbert Read, é a linguagem elementar da comunicação, articulando o fluxo sem forma da experiência sensível. Coleridge a chamou como “o espírito formador da imaginação”. Para Croce, as “obras de arte são paixões a que é dada forma expressiva”. Estas dimensões estão no ser *sensível, perceptivo, pensante*. A *formação do mestre criativo* é processo longo, o que significa duratividade continuada – *duração de toda uma existência humana e processo criador em profundidade*.

Como *reflexão final* é convocado Herbert Read, *creio que a única esperança de mudança para o mundo é esse processo de formação física e mental que chamamos Educação*. Mas Read, insatisfeito com a nomenclatura educação, vai nominar, conceituar e defender a *Educação através da Arte*. Isso faz com que retornemos ao início do texto e ao primeiro questionamento: *Que será isso: educação criadora*, fechando-se um ciclo que se reinicia com a última pergunta: *E nessa linha de pensamento, o que é EDUCAÇÃO?*, mostrando um sujeito que, abastecido e desafiado pelas vozes multiplicadas, continua aberto em busca de aprofundamentos deste valor maior, com letras maiúsculas, sinal de grande importância, a educação através da arte, como o valor do valor.

As vozes trazidas ao texto são as seguintes:

Edgar Morin – *Homo Sapiens* é um ser mutante, forma de vida, *princípio de organização para a complexidade crescente... No Homo Sapiens, trata-se de uma produção individual, de inspiração cerebral, executada por uma técnica e uma arte..., o cérebro humano apodera-se de um novo campo de competência... já não são apenas a imagem-percepção ... e sim uma proliferação criadora de imagens que vai se manifestar na invenção de novas formas e de seres fantásticos. Ao aparecimento do homem imaginário acrescenta-se indissolivelmente o aparecimento do homem imaginante*. A imaginação é instância instituinte ao invés de instituída, fato-e-fonte.

A voz de Morin instala o sujeito da *performance* pela competência – saber-fazer – uma *proliferação criadora de imagens que se manifestam em novas formas e em seres fantásticos e, ainda, na imagem-percepção que dissemina e traduz obras figurativas*. O homem imaginário e imaginante é um estado de Saber-Ser, um Ser-Sendo pela experiência criadora e, portanto, ressignificada.

Segundo Jung, cada indivíduo constitui uma nova experiência da vida sujeita às incessantes mudanças e representa o intento de uma solução e adaptação inéditas.

Experiência ... incessante mudança ... intento de solução ... adaptação de idéias, são termos e instâncias de uma dinamicidade do processo a se realizar, ancorado na vivência e na solução (provisória) de questionamentos, confirmando a aspectualização incoativa de outros momentos do discurso. Cada sujeito está a instaurar sua “sujeitidade” (quer dizer sujeito da experiência, uma

“certa” personalidade e ação inventiva, além de personalidade).

Para Dick Field, a arte (na Inglaterra, país pioneiro no campo da educação através da arte), *significa para as crianças uma experiência como para o artista, totalmente alienada do processo de assimilação e de conhecimento que devem reforçar sua atividade criadora*. Nesta afirmação ficam duas questões a serem consideradas: uma, a arte na escola fica como uma possível profissionalização ao se referir ao artista, relegando-se uma processualidade criadora; a outra afirmação leva a um questionamento: seria o artista alienado do processo de assimilação e de conhecimento da atividade criadora?

A meu ver, o artista só realiza sua *performance* na medida em que é criador, sujeito de pensamentos inquietos, múltiplos e ambíguos, a convocarem novas ações, novos fazeres, outros saberes, jamais “verdadeiros”.

A voz de Field é tomada para apontar, ainda, *requisitos para o processo contínuo da educação*, instalando um estado de seqüencialidade:

1. experiência, verdadeiro *insight* dos motivos e procedimentos;
2. experiência, discussão, exposição, *insight* das artes como fenômeno humano, manifestação social, apreensível e comunicacional;
3. contemporaneidade e contexto histórico;
4. ver as artes em relação a si mesmo, extensão de si próprio, em seu meio-ambiente.

A arte no processo educativo instaura um sujeito incoativo, uma vez que a *experiência* (sema aspectual) é o fundante numa manifestação autoral, extensiva (social), comunicacional (de relações com outros sujeitos), contextual, histórica e ambiental. A duratividade é, pois, a da existência humana.

Herbert Read é trazido para reafirmar a *Educação através da Arte como a única esperança de mudança para o mundo* (processo físico e mental). *Educação através da Arte* é fala-conceito de um sujeito que se euforiza pela disforização de conceitos anteriores (de educação). Por isso fundamenta, defende e assume outra nomenclatura, fazendo-a dialogar com muitas outras vozes, principalmente de filósofos.

A estruturação do texto, embora tenha quatro subtítulos, está dividida em três partes: uma introdução com as perguntas anteriormente trabalhadas; uma parte de fundamentação sobre arte e educação no processo de desenvolvimento do ser humano; enfoques e tendências da arte-educação; e a experiência, fundada pela EAB – Escolinhas de Arte do Brasil.

Analiso algumas expressões no item *Enfoque e tendência da arte-educação*:

. *faz muito pouco tempo*, quer dizer, é recente, instalando uma

temporalidade, proximidade;

. *a educação se tornou um direito*, antes não era, agora é, o que evidencia uma transformação aspectual;

. *de todos os homens*, demonstrando uma não-exclusividade e sim uma extensividade.

Durante os últimos 70 anos localizamos uma das formas de educar, quer dizer, reconhecem-se outras, e essa não é a única ancorada no respeito ao desenvolvimento da criança, estímulo ao desenvolvimento individual e criador do homem e no reconhecimento e estudo da criatividade (tanto da criança quanto do adulto).

Algumas questões necessitam ser levantadas no texto em análise:

. *veículo* para a aprendizagem. Se arte for assim pensada, deixa de ser a manifestação de um sujeito, passando a ser “apenas meio na escola”;

. *renovação da educação geral*. Não existe educação geral, mas para cada um dos sujeitos e suas “sujeitidades”, posição reiterada em vários textos ao se referir ao homem e a descoberta de si mesmo;

. *suporte* conscientizador da existência individual assumida ... Suporte nesta frase é um alicerce e existência, pressupondo a autoralidade de um sujeito a se inventar através da arte.

A arte, se entendida como um *instrumento da educação* fica reducionista e nega a dimensão de um sujeito-em-presença. Embora o texto afirme a *carência de aprofundamento*, um novo dar a ver (tentativa de nova significação) pela *educação através da arte*, a arte não pode ser instrumento, muito menos instrumentalizadora.

As duas metáforas:

1. *não há tempo para a espera da colheita* instala um tempo de rapidez, da pressa *pelas mudanças rápidas* que impossibilitam maturidade e educador qualificado e coerente, o contrário do *educador confuso*.
2. *perigo à vista desarmada* é subtítulo unindo a falta de tempo e de espaço para a colheita por um olhar não-astuto e não-sabedor, nem inquiridor para transformações, sujeito cego à sua dimensionalidade de Sujeito-Criador.

A arte entendida como *atividade social e orgânica* e como *meio de vida globalizador de outras áreas* é ambígua na sua afirmatividade: ao ser entendida como produção de conhecimento e instauradora da dimensão processual: saber, saber-fazer e Ser-do-Ser. Não pode ser considerada como atividade, mas sim como ação transformacional e múltipla. O texto afirma: *o ser humano deve encontrar o sentido da vida e da morte*, ampliando sua visão universal – ser sensível, perceptivo, pensante, criador.

O termo *meio globalizador* retira a processualidade (des-possui) como um todo. No entanto, a arte, inter e intra-relacionada às *outras áreas de conhecimento*, reafirma o seu lado aspectual de fundante e de fundamento, alicerce edificante e edificador.

Na seqüência do texto, algumas perguntas são como “chamados” ao modo operacional de educar do MEA – *expressão e comunicação através da arte*. Arte, como venho afirmando, pode ser considerada como uma manifestação de um sujeito que se faz ver pela suas marcas, pegadas e mundos significativos, sendo além de *expressão e de comunicação*, ambas instâncias aspectuais e relevantes da arte.

Segundo Frederico Moraes, no livro *Arte é o que eu e você chamamos arte*, mostra-nos 801 definições sobre arte e o sistema da arte (reunidas ao longo de quarenta anos de crítica de arte).

Trago algumas vozes de interlocutores, via Frederico (Mário de Andrade, Herbert Read), que nos mostram a relação entre arte, sujeito e vida – Arte e Ser-do-Ser. Para Mário de Andrade, *arte é justamente a atividade artística que nos abre um dos caminhos mais penetráveis de introdução ao ser*⁴³. Segundo Herbert Read, *desde os tempos pré-históricos a arte é sempre uma necessidade vital para o homem e as nações. As questões de arte serão as questões de sempre. E Read continua: sem arte a vida seria torpe, brutal existir. A arte não pode fugir à vida nem deixar de retratar a experiência de vida de um artista. Homem imaginário e imaginante é o que se mostra, e em-se-mostrando, faz-se ver, sujeito vidente e visível (Merleau-Ponty).*

O CIAE alimenta, pelo retorno dos ex-alunos no Brasil e no exterior, o fluxo da comunicação; mostra um tempo da parceria e de acompanhamento, tanto por parte do enunciador quanto por parte dos *filhos, irmãos, amigos* de Noemia, co-participantes de ações, pressupostos e indagações.

A comunicação é *continuum* e manancial para a própria experiência. A comunicação e a significação, dualidade-unicidade constitutiva de um texto, afirmada *pelo trabalho inventivo e inovador* – estado de ser –, competência dos ex-alunos, professores que mostram ecoarem os princípios do CIAE – Curso Intensivo de Arte Educação –, sabem e, a partir deste querer-saber, demonstram transformações do fazer, pelo *trabalho modalizado – inventivo e inovador* – que realizam. O todo de sentido se efetiva através das relações entre o destinador e destinatários: o primeiro, propondo, os segundos, assumindo e transformando as proposições anteriores e suas “sujeitidades”, estados do ser.

A experiência da EAB representa muito pouco... é simples amostragem, *são aspectos que mostram, tanto um ideal a ser buscado* – idealismo e ação criativa de grupos de educadores – *quanto uma consciência da experiência complexa*, busca de valores, disciplinas e metodologias... atividades mais

Lucimar B. P. Frange

intensas, *confirmando esse pensamento inquieto*. Busca não-acomodativa, *busca da dúvida, vai de uma disforia à euforia, percursos para a foria* (para Noemia), a *educação através da arte*, como a única esperança de mudança para o mundo. *No entanto essa afirmação é radical, excludente e até, de certa forma, contraditória às palavras anteriores*: localizamos uma das formas de educar.

Creditamos à EAB um criador aprofundado pelas descobertas da qualificação: de si mesmo e do Homem, é um reconhecimento do valor do valor, arte na escola com sentido e sabor de pressupostos Readianos da Educação através da Arte. Mais uma vez, se considero o homem como um ser-de-relações, ser-de-significações, ser-do-ser, afirmando que o sujeito se define na relação com o objeto e o objeto se define na relação com o sujeito, o termo Homem em si mesmo instaura questionamentos, uma vez que o sujeito e o objeto são coextensivos, gerando efeitos de transitividade entre seus modos de existência.

A noção de uma consciência perceptiva, solidária com o corpo, enquanto corpo próprio ou vivido é, segundo Merleau-Ponty, a maneira pela qual nos instalamos no mundo, ganhando e doando significação. O criador aprofundado é esse corpo (cognoscível e sensível) do saber, do saber-fazer, ser-do-ser.

Referências

- DICK, F. **Change in art education**. 2. ed. London, Routledge & Kegan Paul, 1972.
- FREIRE, P.; FAUNDEZ, A. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- GREIMAS, A.J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. 1985.
- GREIMAS, A. J. **De la imperfección**. 1990.
- JUNG, C. G. **Psicologia y educacion**. Buenos Aires: Paidós, 1961.
- MORAIS, F. **Arte é o que eu e você chamamos arte**. São Paulo: Galeria Nara Roesler, 1998.
- MORIN, E. **O enigma do homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- MERLEAU-PONTY, M. **Textos selecionados**. 1986.
- PEDROSA, M. "O artista e o artesão". In: ANDRADE, M. de. **O baile das quatro artes**. São Paulo: Martins Fontes, 1963.
- READ, H. **A educação pela arte**. 1982.
- TEIXEIRA, L. **As cores do discurso: análise do discurso da crítica de arte**. Rio de Janeiro: EDUFF, 1996.

Notas

1. *Incoatividade* é um sema aspectual que marca o início do processo, do qual faz parte uma configuração aspectual que tem como fases: incoatividade/duratividade/terminatividade. Sua aparição no discurso permite prever ou esperar a realização da série toda. Cf. A.J. Greimas e J. Courtés, **Dicionário de semiótica**, 1985, p. 231.

Correspondência

Lucimar Bello P. Frange - Rua Aleixo Garcia, 51 - Ap. 61 - 04545-010 - Vila Olímpia - São Paulo - SP.

E-mail: lucimarbello@terra.com.br

Recebido em 12 de maio de 2006

Aprovado em 10 de agosto de 2006

